

CONSIDERAÇÕES SOBRE A FUNÇÃO EDUCATIVA E SOCIAL DOS MUSEUS CONTEMPORÂNEOS: UMA ALTERNATIVA PARA A CONSERVAÇÃO E SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO.

RAGONE, Guilherme Nogueira. Mestrando em ambiente construído, UFJF,
guilhermeragone@hotmail.com.

BRAIDA, Frederico. Doutor em design, professor adjunto pela UFJF,
Frederico.braida@UFJF.edu.com.br.

RAGONE, Augusto Nogueira. Graduando em arquitetura, UFJF, augustoragone@gmail.com.

RESUMO

Os museus como agentes de salvaguarda do patrimônio cultural possuem destaque se analisados pelos vieses educacionais e sociais, partindo da premissa de que a educação patrimonial se mostra presente e atuante na contemporaneidade sendo a função mais importante nessas instituições pós 1977. O patrimônio cultural deve ser entendido não só historicamente, mas associado à memória, a identidade, ao turismo, ao trabalho e ao lazer, e com isso os museus se mostram locais ímpares de análise sobre o impacto na educação de uma sociedade. Assim sendo, o artigo possui como estrutura, a exposição cronológica e histórica dos museus no Brasil, bem como sua relação com a sociedade e a educação. Explanará como esta relação se dá na contemporaneidade e quais as premissas para se caracterizarem assim, finalizando com o resultado da análise baseada nos temas já citados e sua consequência para a preservação do patrimônio.

Assim, o presente artigo visa responder a questão sobre como os museus contemporâneos podem ajudar na preservação do patrimônio cultural, através de suas funções educativas e sociais. Através de uma revisão de literatura sistematizada, sendo parte de uma pesquisa de dissertação de mestrado em andamento com o intuito objetivar como essas instituições ajudam a proteger o patrimônio cultural, como se manifestam e se relacionam as funções sociais e educativas nos museus e sua caracterização segundo suas funções. Como resultado, se obteve que, desde as suas origens, são atribuídas aos museus diversas funções, e essas se alteraram ao longo do tempo, tendo na função educativa, seu maior expoente na contemporaneidade. Uma ferramenta importante para a preservação do patrimônio cultural.

PALAVRAS CHAVE: museus contemporâneos; função educativa; função social; patrimônio cultural.

1. INTRODUÇÃO

O debate a cerca dos museus como agentes de salvaguarda do patrimônio cultural, possuem grande destaque quando analisados pelos vieses educacionais e sociais dessas instituições, visto que a educação patrimonial se mostra presente, atuante e divulgadora dos preceitos de proteção do patrimônio cultural. A noção de patrimônio era identificada como legado, herança, propriedade ou bens transmitidos, porém a partir da década de 1930 surgiu a acepção, mais restrita, a qual se incluía aos aspectos de índole cultural, criando a noção de patrimônio cultural, esse não está ligado apenas à história, está associada à memória, a identidade, a sociedade, ao turismo, ao trabalho e ao lazer. (MENDES, 2013).

Em suma: o patrimônio cultural e os objetos que o integram, além do seu valor simbólico, identitário, de alicerce da memória, documental e pedagógico, apresentam ainda uma importância social e econômica digna de consideração. (MENDES, 2013, p. 28).

Esses conceitos entram em consonância com o que se entende sobre museus na contemporaneidade, sendo instituições com papel fundamental na conservação da história, sendo determinante para a emergência e o desenvolvimento da cultura. Os museus foram fundados para evitar dispersões, ou seja, para garantir a conservação patrimonial pública. (POULOT, 2013). O estudo, a pesquisa e a comunicação constituem a finalidade das aquisições, exposições e de todas as ações documentais que lhe são inerentes, tendo por fim, à transferência de conhecimentos preservando o que se expõe. (POULOT, 2013).

A proteção do patrimônio cultural deve ser tratada em uma dimensão humana. As medidas de preservação são fundamentadas pelo poder que os bens culturais carregam, de referência para a identidade dos seres humanos, pelos valores que traduzem ou expressam, pela capacidade de transmitir testemunho ou sentimento. (PIRES, 2011). Sabe-se que os museus são lugares de memória, são orientados para a consagração, valorização e preservação da herança patrimonial, são espaços para as multidões da mesma forma que abrigam a individualidade, ao mesmo tempo, cenário e palco de local de guarda e conservação. (BRUNO, 2008).

Segundo Kiefer (2000), entende-se o museu contemporâneo como pós 1977, tendo o desenvolvimento cultural e a inclusão social, temas ligados às novas funções museológicas, andando de forma paralela as demandas do sucesso de suas exposições, da necessidade de aumento do número de visitantes ou recursos coletados. (POULOT, 2013). Os museus acabam, nos casos mais bem-sucedidos, dinamizando o turismo, a rede de hotelaria e, conseqüentemente, a receita das cidades brasileiras. (FABBRINI, 2008). Poulot (2013) aponta que as instituições tem no turismo e na economia de lazer, talvez seu principal pilar econômico na contemporaneidade.

Poulot (2013) conta que no século XXI tem-se o esforço pela diminuição das desigualdades culturais e a efetiva integração social. Sobre esse tema, Veiga (2013) afirma que o mesmo tem-se tornado um desafio, e o museu vai adquirindo papel de protagonismo no cenário educativo e cultural no Brasil e no mundo.

A sobrevivência das instituições museológicas e patrimoniais exige assim, que quer a sua identidade, quer a sua missão, objetivos e projetos sejam repensados e articulados de forma a ir ao encontro das necessidades de um conjunto de destinatários cada vez mais heterogêneo, tornando-se mais aberto a diferentes narrativas e às circunstâncias locais, conduzindo a uma reconceitualização da sua função social e estilo comunicacional. (ANICO, 2005, p. 84).

Araújo e Bruno (1995, apud Veiga, 2013) exemplificam que nos países latino-americanos, a função educativa dos museus pode chegar a assumir, em determinados casos, papel capital na formação do cidadão, num fenômeno conhecido por “escolarização dos museus”. Guimaraens (2009) categoriza que a contribuição e a atuação dos museus na execução das atividades turísticas e educativas é o fator que melhor delimita, na atualidade, a função social dessas instituições.

Ao se colocar em foco a comunicação e educação nas instituições, as coleções e respectiva conservação deixaram de constituir o centro das atenções, deslocando-se para o visitante e a sociedade, estando ao serviço das pessoas. (MENDES, 2013).

Zavala (2006) considera dois modelos de museus, sendo característica do modelo tradicional, o objetivo de uma visita às instituições, possuem a obtenção de conhecimento e a exposição se vale pelo seu conteúdo, como uma janela para outras realidades. Tendo a função educativa do museu: objetiva, clara e convincente. Já o modelo emergente, a visitação tem por objetivo vincular à experiência que se propõe. O museu passa a mostrar condições nas quais o significado é produzido, estimulando a produção de outros significados. (ZAVALA, 2006)

A experiência de aprendizagem está relacionada à participação ativa do público ao alcançar suas expectativas ritualísticas durante a visita; ele é agente de sua própria experiência e participa sensorial, emocional e fisicamente, pois utiliza o seu corpo como elemento para a apropriação do museu. O museu é instituição una na construção de uma realidade simbólica por meio do patrimônio musealizado. (CURY, 2011, p. 21)

Visto a justificativa, recorte e objeto de análise, o artigo possui como estrutura, a exposição cronológica e histórica dos museus no Brasil, bem como sua relação com a sociedade e com a educação. Explanará como está relação se dá na contemporaneidade e quais as premissas para se caracterizarem assim, finalizando com o resultado da análise baseada nos temas já citados e sua consequência para a preservação do patrimônio.

Com isso, o presente artigo visa responder a questão sobre como os museus contemporâneos podem ajudar na preservação do patrimônio cultural, através de suas funções educativas e sociais. Essa resposta vem através de uma revisão de literatura sistematizada, sendo parte de uma pesquisa de dissertação de mestrado em andamento, com o intuito objetivar como essas instituições ajudam a proteger o patrimônio cultural, como se manifestam e se relacionam as funções sociais e educativas nos museus. Como resultado, se obteve que, desde as suas origens, são atribuídas aos museus diversas funções, e essas se alteraram ao longo do tempo.

(MENDES, 2013). Concluiu-se que a educação, que outrora era acessível a um grupo restrito de pessoas – as elites –, através dos museus, tornou-se mais acessível e de fácil assimilação, possuindo essa característica até hoje, sendo empregada para difusão de conhecimento patrimonial e sua consequente preservação, tendo a sociedade como maior beneficiária e participativa, atuando de forma concreta nos museus contemporâneos. Espera-se com esse artigo, enriquecer esse campo de pesquisa, trazendo material rico para futuros debates, bem como abrir possibilidades de análise dos museus contemporâneos através de outros vieses, tendo como norteador, a preservação do patrimônio cultural brasileiro.

Finaliza-se assim, baseado em Anico (2005), o debate levantado pelos museus, suas funções e pelo patrimônio na contemporaneidade tem de ser entendido como reflexo do seu contexto social. Os museus e locais patrimoniais devem estar atentos às principais características da sociedade do século XXI: pluralidade, fragmentação, consequência de um conjunto de fatores que englobam os processos como o crescimento do turismo e o desenvolvimento de um sistema econômico de escala global, entre outros. Um contexto que proporciona possibilidades para a sua adaptação, transformação e releitura dessas instituições. Para a conservação, salvaguarda, difusão de educação patrimonial através dos museus, deve-se questionar as práticas existentes, a repensar as interpretações das coleções e sua exposição, revendo a organização e funcionamento das instituições culturais, a fim de tornar o cidadão peça central dos museus, participante ativo nesse debate.

2. UMA HISTÓRIA CONCISA DOS MUSEUS NO BRASIL ASSOCIADO A SEU PAPEL SOCIAL E EDUCACIONAL.

Enquanto na Europa do século XIX, o museu já é instituição consagrada, tem-se a primeira experiência dessa tipologia no Brasil: a Escola Nacional de Belas Artes, de 1815 e o Museu Nacional do Rio de Janeiro em 1818, ambos por iniciativa de Dom João VI. (VEIGA, 2013, p.23).

Tem-se que na Europa desde o século XV com os gabinetes de curiosidades e as galerias de aparato, a história dos museus se inicia, porém, é no século XVII e XVIII com os museus nacionais que a instituição vá alçar sua importância como a de hoje. (KIEFER, 2000, p.14). No iluminismo, o termo museu será mais alargado do que o até então concebido, o círculo de colecionadores aumentará, tendo as instituições com atividades até então novas, como exposições, vendas públicas e elaboração de catálogos para exposições. (VEIGA, 2013, p. 20). *Aos poucos as coleções particulares foram se ampliando drasticamente e sendo abertas ao público, ainda que não universal, associando a terminologia museu a esses pitorescos espaços expositivos.* (VEIGA, 2013, p.20).

Para Santos (2004, p.55), os museus nacionais europeus dessa época, ligados à formação dos Estados Nacionais e sendo um espelho deles, foram capazes de ordenar, civilizar e disciplinar grandes setores da população. Essas instituições foram importantes para a consolidação do conhecimento enciclopédico na Europa. Já para Veiga (2013, p. 20), o museu era essencialmente destinado ao homem culto, excluindo

assim a maior parcela da população da época. Para as camadas populares era o símbolo da exploração de poucos sobre muitos, sendo “necessário conhecer os códigos comportamentais para se frequentar os espaços de então.” (VEIGA, 2013, p.20). Sobre a preservação patrimonial inerente aos museus, a Revolução Francesa teve um papel dúbio, destruindo e depois preservando, com os bens colocados a disposição da população sendo

finalmente transferidos para espaços abertos ao público, temos a consagração do museu. Imbuídos do espírito enciclopedista, os museus tinham fins educativos, em que o civismo, a história, as artes seriam nacionalmente divulgadas... O museu finalmente abria-se ao público em definitivo. (VEIGA, 2013, p.21).

Nesse contexto, o século XIX com a instalação dos dois bens ligados a cultura no Brasil, fortemente influenciados pela tradição dos museus nacionais europeus, e a postura coletora, classificatória e tipológica, esta última sendo a característica mais importante, tendo os viajantes estrangeiros, chegando ao Brasil para estudar a flora, a fauna, a etnologia, etc. (ELIAS, 1992, p.140).

O Museu Nacional, um museu de história natural com grande intercâmbio com os grandes museus de história natural europeus. *Este primeiro museu brasileiro de história natural seguiu os critérios da universalidade do conhecimento, também presentes entre os grandes museus de história natural que se consolidavam na Europa. (SANTOS, 2004, p.55).*

Esse exemplo explicita a função os primeiros museus no país, a educação através do colecionismo natural. Mas não só essa tipologia, museus históricos, científicos e artísticos contribuíram para a construção da identidade nacional. (VEIGA, 2013, p.25).

No final do século XIX, o Brasil tinha aproximadamente dez museus, e, com exceção do Museu Naval e Oceanográfico (1868) e do Museu da Academia Nacional de Medicina (1898), todos os demais tinham alguma relação com as práticas classificatórias dos elementos encontrados na natureza. Além do Museu Nacional, os outros dois grandes museus brasileiros eram o Museu Paulista (1895) e o Museu Goeldi (1866). Todos os três foram constituídos como museus de história natural. (SANTOS, 2004, p.55).

Outro aspecto a ser considerado diz respeito ao caráter acadêmico dos museus de história natural no Brasil. São muitos os relatos de época que nos mostram que esses museus, durante o Império, estiveram mais voltados para a pesquisa do que para o grande público, tendo assim sua função social e educativa modificada no período, com a preservação do patrimônio seja natural, artístico ou científico mantidos. (SANTOS, 2000, p.56).

No final do século XIX e início do XX, nota-se segundo Lopes e Murriello (2005, p.17), a expansão vertiginosa de museus de todos os tipos ao redor do mundo. Essas redes de comunicação, as coleções, os catálogos, os pesquisadores, os conceitos e as inovações viajavam pelo circuito dos museus. Passaram a integrar seus catálogos e começaram a classificar os próprios museus, a construir tipologias, a comparar os

museus entre si em seus processos de cooperação e disputas por hegemonias científicas, sociais, políticas. (LOPES; MURRIELLO, 2005, p.17).

Em 1922, Gustavo Barroso, cria o Museu Histórico Nacional, responsável pelo estabelecimento de uma nova fase de museus nacionais no Brasil. Essa mudança se deu quando se deixava de colecionar elementos da natureza, e foca-se em objetos que representassem a história da nação, pautada num discurso elitista e excludente, em que os grandes feitos da elite brasileira eram mostrados, excluindo assim a participação popular, tendo seu papel social notadamente segregado. No mesmo ano era inaugurada no Museu do Ipiranga uma seção de História desviando-se da ênfase que fora dada nos primeiros anos às ciências naturais, passando a priorizar coleções relacionadas à história de São Paulo. (SANTOS, 2004, p.56).

A política de preservação do patrimônio cultural tombou inúmeros prédios e sítios históricos e criou um grande número de museus. Entre eles, o Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro; o Museu das Missões, no Rio Grande do Sul; e os Museus da Inconfidência e do Ouro, em Minas Gerais. Os primeiros museus de Arte Sacra no Brasil datam desse período. (SANTOS, 2004, p.57).

Gustavo Barroso além da criação do Museu Histórico Nacional cria o Curso de Museus, em 1932, formando técnicos para todo o país. Cinco anos depois é criado o SPHAN, importante órgão de preservação do patrimônio cultural e difusão social e educacional.

2.1. O modernismo e sua relação museológica.

Nota-se com a chegada a Era Moderna dos museus, uma mudança substancial na concepção social dos mesmos, os antigos mártires da nação são substituídos por figuras mais populares, aproximando as instituições das camadas mais populares e abrindo os museus para a sociedade. As utopias modernistas reiteraram e reforçaram a função social do museu e dos novos programas arquitetônicos reconhecidos na condição de lugares de memória. (GUIMARAENS, 2009).

Nesse período tem-se importantes exemplos: na cidade de São Paulo, em 1954 tem-se o projeto de Oscar Niemeyer para o Pavilhão de Exposições do Ibirapuera, com o jogo de rampas e planos criando caminhos e percursos diversos. Affonso Eduardo Reidy com o projeto do MAM, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro de 1959, pode-se observar a modificação do conceito de museu, deixando de ser um organismo passivo, assumindo sua função educativa e significado social. Tornando mais acessível e facilitada a relação entre público e as manifestações da criação artística. (BONDUKI, 1999).

Não apenas o antigo conceito de museu se transformou: a própria noção do espaço arquitetural modificou-se. A estrutura independente e o plano livre caracterizando o conceito de espaço arquitetural fluente, canalizado, substituindo a noção do espaço confinado dentro dos limites da arquitetura. (BONDUKI, 1999).

Bem como, o MASP, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, com o acervo rico e de importância para o país. (JULIÃO, 2006). Projeto de Lina Bo Bardi em 1968 cria uma caixa de vidro sustentada por uma estrutura de concreto protendido com o maior

vão livre da América Latina. (CASELLATO, 1995). Sobre a importância brasileira na produção modernista, Montaner (2003):

Efetivamente, à diferença de outros países latino-americanos, o Brasil concedeu, desde os anos cinquenta, grande importância à arquitetura de museus, com predominância, essencialmente, de dois modelos iniciais: por um lado, as formas escultóricas e líricas de Oscar Niemeyer (...) e por outro, as formas de grandes praças cobertas que João Vilanova Artigas propôs inicialmente para edifícios públicos, como a FAU de São Paulo, Brasil (1961), que tinha como modelo os museus e grandes pavilhões de Mies van der Rohe. (MONTANER, 2003, p. 31).

É interessante notar que os dois últimos museus foram fundados entre 1946 e 1948 e fazem parte do restrito número de museus fortemente beneficiados pelo investimento privado. (SANTOS, 2005, p.57).

Visto as mudanças sociais e educativas nos museus brasileiros até o ano de 1977, onde tem-se uma reviravolta na produção e concepção desses bens, se adentrará na contemporaneidade, época em que além das funções já citadas, observa-se a função econômica e turística presentes, afetando assim a relação com a preservação do patrimônio cultural.

3. MUSEUS CONTEMPORÂNEOS NO BRASIL: EXEMPLOS, CONCEITO E DEFINIÇÕES.

A contemporaneidade referente a produção dos museus, entende-se por posterior a 1977, quando arquitetos e estudiosos dão nova dimensão para essa tipologia no mundo e no Brasil. (KIEFER, 2000; MONTANER, 2003). Após a explosão modernista no país, teve-se uma calma produtiva de bens culturais até a década de 1990. Em 1995 inaugurou-se o MuBE, Museu Brasileiro de Esculturas, obra do vencedor do Pritzker de 2006, Paulo Mendes da Rocha, marcando a paisagem paulista.

O museu é escultura inaugural, escala de medida de todas as outras. Instaura a ocupação do lugar, pois fisicamente foi o primeiro elemento construído. O pórtico, único elemento construído sobre o solo, é portal de entrada do museu e abrigo para manifestações artísticas escultóricas e teatrais passíveis de ocorrerem em sua topografia que em platôs desce seguindo as margens do lote. Aparece como área de respiro; como alargamento das calçadas fazendo ecoar as intenções do arquiteto para quem "a escultura ao ar livre é muito mais significativa. O jardim também tem essa perspectiva, esse destino, de abrigar exposições de esculturas ao ar livre" e que ressoam nas palavras comumente utilizadas nas revistas especializadas para se referir ao museu: praça pública, jardim público. (SPERLING, 2012).

No ano subsequente, 1996, inaugurou-se o MAC, Museu de Arte Contemporânea de Niterói, projeto de Oscar Niemeyer, tornando-se símbolo na paisagem de Niterói, inaugurando a instituição museu no Brasil como ícone urbano e paisagístico, explicitando suas funções turísticas e culturais no país.

O caso do Brasil é paradigmático, em que vitalidade momentânea e a carência estrutural se relacionam, em uma combinação peculiar de processos de curta e de

longa duração. Um indicador claro daquele dinamismo é o fato de que vários museus foram inaugurados ou requalificados em todo o país desde meados da década de 1990. (ANJOS, 2015). *No século XXI, a função do museu torna-se um desafio, e o museu público vai adquirir papel protagonista no cenário educativo e cultural em nosso país e no mundo.* (VEIGA, 2013, p.25).

Durante o referido século, há a construção e consolidação de importantes instituições. A intervenção de Paulo Mendes da Rocha na Pinacoteca de São Paulo em 1999, em que se baseia no uso racional da matéria dentro de uma arquitetura na qual a estrutura é o próprio espaço. (MONTANER, 2016). Pode-se citar também o MAR, Museu de Arte do Rio, de Bernardes + Jacobsen na cidade do Rio de Janeiro em 2013, sendo o *start* para a reformulação urbana do local. O bem se caracteriza pela junção de três construções existentes de características distintas com o objetivo de abrigar o MAR e a Escola do Olhar fazendo parte da grande intervenção na região central da cidade.

Tem-se na mesma região, o Museu do Amanhã, projeto de Santiago Calatrava em 2015. Ambas as instituições seguem a contemporaneidade proposta por Montaner (2003), e funcionam como importantes modeladores urbanos e sociais.

Sobre a contemporaneidade, os arquitetos desfrutam de uma liberdade sem precedentes e dão à sua arquitetura uma dimensão inusitada, deixando, muitas vezes, que seu brilho rivalizasse com os acervos que abrigam. (KIEFER, 2000) A sua complexidade serve ainda de licença para a dissociação da forma exterior com o seu conteúdo. Por outro lado, a preocupação com a inserção urbana e a utilização do seu potencial de revitalização de bairros tem sido um denominador comum explorado pelos arquitetos de museus brasileiros durante sua concepção. (KIEFER, 2000).

4. AS MANIFESTAÇÕES DAS FUNÇÕES EDUCACIONAIS E SOCIAIS NOS MUSEUS CONTEMPORÂNEOS.

Observa-se que a partir da década de 1970, dentre outras modificações nas instituições museais, destaque-se uma atenção redobrada ao museu como espaço de comunicação por um lado, e como instituição educativa a favor da sociedade, por outro. (MENDES, 2013, p.38)

O desenvolvimento cultural associado inclusão social e a proteção patrimonial são temas ligados às novas funções museais pós 1970, andando de forma paralela as demandas do sucesso de suas exposições, da necessidade de aumento do número de visitantes ou recursos coletados, tem-se o esforço pela diminuição das desigualdades culturais e a integração social. (POULOT, 2013). Sobre a função social, Veiga (2013) ainda afirma que, no século XXI, essa função torna-se um desafio, e o museu vai adquirir papel de protagonismo no cenário educativo e cultural em nosso país e no mundo.

Os museus hoje são instrumentos que educam a partir da interação do visitante com o meio ambiente e por intermédio da utilização de instrumentos dinâmicos e plurais. Enfatizam-se o potencial multidimensional da visita e os processos afetivos, sensorio motores,

evitando-se disposições lineares, factuais e hierarquizadas. (SANTOS, 2005, p.63).

São diversos os motivos que levaram a essa transformação do museu para o foco educacional pós 1977, entre elas tem-se razões de ordem científica, pedagógica, didática, tecnológica e civilizacional. (MENDES, 2013, p. 40). Refletindo ou sendo refletido em toda sua ordem organizacional através de seus recursos e sua capacitação, seja humana, financeira ou técnica.

Novas áreas e profissões dentro dos museus foram acrescentadas, visando à própria sobrevivência. (MENDES, 2013, p.41). Exigindo assim, que quer a sua identidade, quer a sua missão, objetivos e projetos sejam repensados e articulados de forma a ir ao encontro das necessidades de um conjunto de destinatários cada vez mais heterogêneo, tornando-se mais aberto a diferentes narrativas e às circunstâncias locais, conduzindo a uma modificação de sua função social e estilo comunicacional. (ANICO, 2005, p. 84).

4.1. O papel dos museus na valorização e preservação do patrimônio cultural através da educação.

O conceito atribuído ao patrimônio cultural evoluiu ao longo dos anos, quando esse conceito era mais limitado, a sua proteção era mais facilitada, visto que a quantidade de bens a serem protegidos, bem como as instituições de proteção, eram reduzidas, se limitando a igrejas, castelos e fortificações, sendo seus locais de origem. Aos museus sobrava conservar e expor objetos de natureza etnográfica e científica que não pertenciam a esses aos sítios. (MENDES, 2013, p.56).

Na contemporaneidade observa-se a mudança desse conceito, uma quantidade inigualável de bens a se preservar devido à ampliação do conceito do que é patrimônio. Aumentando o número de monumentos preservados, reutilizados ou requalificados, gerando consequências para esse bem. Seja a sua destruição ou realocação em museus, o que explicita o papel preservacionista da instituição. (MENDES, 2013, p.56). Poulot (2013, p.22) ainda cita que os museus possuem cinco funções primárias, sendo elas o ato de colecionar, conservar, estudar, interpretar e expor, corroborando e reafirmando o papel das instituições na sociedade.

Os museus, o patrimônio, como instituições públicas, não podem ficar com as portas fechadas para a população. Devem guardar seus acervos, não escondê-lo. Os objetos arqueológicos encarcerados nas reservas técnicas devem ser analisados, estudados e apresentados ao público, acadêmico ou não. Assim, a cultura material prosseguirá no seu caminho, de construção, ou melhor, de reconstrução do nosso passado histórico. (CARLAN, 2008).

A relação entre a preservação e a educação se dá antes mesmo da obra ser exposta para o grande público nos museus, o fato da obra ser adquirida ou doada ao museu já requer uma pesquisa prévia e permanente. Não basta guardar o objeto. Sem essa pesquisa, a instituição fica subestimada a um centro de lazer e turismo. Cabe essa inserção do objeto ser tratada como fontes históricas, preservando-as, expondo-as e interpretando-as. (CARLAN, 2008). *A pesquisa em si é uma visão crítica, a relação homem / objeto / espaço forma a memória e o patrimônio cultural. (CARLAN, 2008).*

4.2. A educação nos museus numa época de culto a cultura.

A questão dos museus é complexa, visto que pertence ao setor mais vasto da cultura. Mendes (2013, p.60) afirma que hoje vivemos numa época em que muito se fala sobre cultura, e percebe-se o impacto que a cultura de massa e os meios de comunicação têm exercido sobre toda e qualquer atividade educativa nos museus. (VEIGA, 2013, p.62).

Montaner (2003) salienta que ao mesmo tempo, o interior das lojas de grifes, são concebidas sob o desejo de aproximar-se da lógica de apresentação de museus. Isto é, objetos de consumo produzidos em série, são apresentados de maneira singular como se fossem únicos e exclusivos. (MONTANER, 2003). Assim, a ampla visibilidade adquirida pelos museus ao longo de sua história tornou-os lugares obrigatórios para o desenvolvimento econômico e turístico de centros urbanos e pontos centrais de referência cultural, de lazer e de entretenimento. (AMARAL, 2014). Tornando-se assim peças-chave da economia, dando resposta ao consumo do capital afirma Alves (2010). Com isso, os espaços museais passaram a abrigar uma série de novos espaços, suprimindo necessidades dessas novas demandas sociais e culturais. "Programas como restaurantes, cafés, lojas, livrarias, bibliotecas, teatros, passaram a fazer parte do ideário do espaço da cultura contemporâneo." (ALVES, 2010, p. 10).

Observa-se um esvaziamento de seu conteúdo. *As práticas e projetos culturais nesse sentido ficam a mercê dos interesses econômicos, mercantis que lhes acarreta uma perda significativa de seu potencial construtivo, uma vez que passam a atrelar estreitamente às táticas de lucro.* (SPERLING, 2005).

A integração das atividades de profissionais de várias áreas do conhecimento e de recursos de entidades governamentais e privadas no setor museológico envolve a proteção do patrimônio edificado; portanto, da perspectiva do planejamento urbano, esta ação relaciona-se não apenas à educação, formação da cidadania e produção de conhecimento, mas ao turismo "de entretenimento e lazer", fonte de empregos e de lucro. (GUIMARAENS; IWATA, 2001).

Nota-se que mesmo com a função educativa nunca esteve tão em voga como na contemporaneidade, porém questões econômicas, turísticas e da produção de museus em massa, muitas vezes supérfluas e pensadas pelo viés econômico, tem-se a dualidade entre o que realmente se pode educar e prover à sociedade através da preservação de seu conteúdo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As funções educativas e sociais dos museus contemporâneos são importantes ferramentas na preservação do patrimônio cultural, estando intrinsecamente ligada a nova forma de se entender o museu pós 1977, ano em que se tem o marco da mudança de paradigma sobre a concepção de se conceber, produzir e interpretar os museus. Essa mudança rebate-se na forma da arquitetura dos museus criando áreas, setores e vínculos inexistentes anteriormente, bem como novas formações e especializações do corpo profissional das instituições, cada vez mais ampla e

multidisciplinar. O museu por conceito tem de criar condições para o conhecimento, compreensão e promoção do patrimônio cultural, constando assim em seus objetivos gerais.

Viu-se de forma cronológica a alteração das finalidades dos museus brasileiros, desde o seu início com a catalogação e divulgação de história natural associado ao colecionismo focado em pesquisadores; passando pelos museus em homenagem a ícones da elite nacional, excluindo a grande massa da população das instituições; a atuação dos modernistas e a criação do SPHAN com a popularização da imagem do museu e seus ícones mais próximos do público geral; até os dias atuais, em que a interação homem/museu é intensa, completa e desejável, alterando a própria relação com o patrimônio cultural.

Apontou-se que as funções econômicas e turísticas são marcos do século XXI, impactando em todas as instâncias o papel educacional, social e o da própria preservação do patrimônio cultural dos museus, visto que a proliferação não criteriosa e em massa pode alterar o papel educador dos bens, transformando-os em meros espetáculos devorados pelos visitantes e pela sociedade numa relação antropofágica nociva a ambos.

6. REFERÊNCIAS

AMARAL, Dianna Izaías. Novos museus de arte: entre o espetáculo e a reflexão. UNB - Universidade de Brasília. **Dissertação de mestrado**. 2014.

ANJOS, Moacir dos. Dinamismo e crise dos museus de arte no Brasil. In: **Z Cultural**: revista do programa avançado de cultura contemporânea. Ano III, 2015. Disponível em: <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/dinamismo-e-crise-dos-museus-de-arte-do-brasil-de-moacir-dos-anjos-2/>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

ANICO, M. A pós-modernização da cultura: patrimônio e museus na contemporaneidade. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 11, n. 23, 2005.

ALVES, Giovana Cruz. O lugar da arte - um breve panorama sobre a arquitetura dos museus e centros culturais. Espírito Santo: In: **Arquimuseus** - Anais do Seminário, 2010.

BONDUKI, Nabil Georges. **Afonso Eduardo Reidy** - Série Arquitetos Brasileiros. Instituto Lina Bo e P. M. Bardi. Portugal: Editorial Blau, 1999. Disponível em: <<http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=85>>. Acesso em: 15 mai 2017.

BRUNO, C. Museus, identidades e patrimônio cultural. In: **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo: Suplemento 7, 2008.

CARLAN, Claudio Umpierre. Os museus e o patrimônio histórico: uma relação complexa. In: **Revista História**, Franca, v. 27, n. 2, p. 75-88, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010190742008000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 ago. 2017.

CASELLATO, Cristiana Serrão. Arquitetura de museus. **Dissertação de mestrado**, FAU-USP. São Paulo, 1995.

I Congresso Nacional para Salvaguarda do Patrimônio Cultural:

fronteiras do patrimônio: preservação como fortalecimento das identidades e da democracia

03 a 07 de outubro de 2017 - Cuiabá (MT), Brasil

CURY, M. X. Museus em transição. In: **SISEM SP - Sistema Estadual de Museus. (Org.). Museus - O que são, para que servem?**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2011. Disponível em: <<http://www.sisemsp.org.br/blog/wp-content/uploads/2016/04/Museus-em-transi%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2017.

ELIAS, Maria José. Revendo o nascimento dos museus no Brasil. In: **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo, p.139-145, 1992.

FABBRINI, R. N. A fruição nos novos museus. In: **Especiaria, Cadernos de Ciências Humanas**. v. 11, n.19, jan./jun. 2008.

GUIMARAENS, Cêça. A arquitetura de museus e os sistemas simbólicos do centro do Rio. In: **Anuário do museu nacional de belas artes**. Rio de Janeiro: Nova fase, v. 1, 2009.

_____; **IWATA**, Nara. A importância dos museus e centros culturais na recuperação de centros urbanos. In: **Arquitextos**: São Paulo, ano 02, n. 013.06, Vitruvius, jun. 2001. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.013/881>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a história do museu. In: **Caderno de diretrizes museológicas 1**, Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, ed, 2, 2006.

KIEFER, F. Arquitetura de museus. In: **Arqtexto/UFRGS**. Faculdade de Arquitetura. v.1, n. 1. Porto Alegre: Departamento de Arquitetura, PROPARG, p. 64-77, 2000.

LOPES, Maria Margaret.; **MURRIELLO**, Sandra Elena. Ciências e educação em museus no final do século XIX. In: **História, Ciências, Saúde**: Manguinhos, v. 12 (suplemento), p. 13-30, 2005.

MENDES, J. A. **Estudos do patrimônio**: museus e patrimônio. Coimbra: Coordenação científica da coleção estudos: humanidades. Faculdade de letras da universidade de coimbra. 2. ed. 2013. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=wNunCwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA1&dq=museu+salvaguarda+patrim%C3%B4nio&ots=GD_SER4WEq&sig=nEC21HK_R-JZHOeFNwAs1JaMuSA#v=onepage&q&f=true>. Acesso em: 02 jul. 2017.

MONTANER, Josep Maria. **Museus para o século XXI**. Gustavo Gili: Barcelona. 2003.

_____. **A condição contemporânea da arquitetura**. Gustavo Gili: Barcelona, 2016.

PIRES, M. C. S. A proteção do patrimônio cultural. In: **Caderno Direito & Justiça**: Jornal Estado de Minas. 2011. Disponível em: <<http://www.mariacoeli.com.br/wp-content/uploads/2015/10/Artigo-Patrim%C3%B4nio-Cultural-Jornal-Estado-de-Minas-Maria-Coeli.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2017.

POULOT, D. **Museu e museologia**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Museus brasileiros e política cultural. In: **RBCS**, v. 19 n. 55 jun. 2004.

_____. Os museus brasileiros e a constituição do imaginário nacional. In: **Revista Sociedade e Estado**, XV (2): 271- 302. 2000.

SPERLING, David. Museu Contemporâneo: o espaço do evento como não lugar. In: **Seminário Internacional Museografia e Arquitetura de Museus**. Rio de Janeiro: UFRJ. 2005.

_____. As arquiteturas contemporâneas como agentes no sistema da arte. In: **Fórum permanente**, v.1, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://www.forumpermanente.org/revista/edicao->

[0/textos/as-arquiteturas-de-museus-contemporaneos-como-agentes-no-sistema-da-arte>](#).
Acesso em: 09 fev. 2017.

VEIGA, A. C. R. Gestão de projetos de museus e exposições. Belo Horizonte: C/Arte, 2013.

ZAVALA, L. El paradigma emergente en educación y museos. In: **Revista Opción:** México, ano 22, n. 50, 2006.